

## Fernando Ortiz e o lugar da Espanha na sua trajetória política e intelectual

José Luis Bendicho Beired<sup>1</sup>

**Resumo:** As relações com a Espanha marcaram a trajetória política e intelectual do cubano Fernando Ortiz. Mais conhecido pelo desenvolvimento do conceito de transculturação e por sua contribuição aos estudos dos afrodescendentes em Cuba, Ortiz esteve ao longo do tempo vinculado à Espanha por laços acadêmicos, políticos e familiares. Buscamos apresentar alguns aspectos dessa relação e compreender como ela incidiu tanto sobre seus objetos de interesse quanto em relação à sua vida pública e produção intelectual.

**Palavras-chave:** Fernando Ortiz; Relações Hispano-Cubanas; Hispanismo.

### Fernando Ortiz and the place of Spain in his political and intellectual trajectory

**Abstract:** The political and intellectual trajectory of the Cuban Fernando Ortiz was marked by the relations he had with Spain. Best known for developing the concept of transculturation and its contribution to the study of African descendants in Cuba, Ortiz was connected to Spain by academic, political and family ties. The aim is to present some aspects of this relation and understand how it influenced his topics of interest as well as his public life and intellectual production.

**Keywords:** Fernando Ortiz; Cuba-Spain Relations; Hispanism.

**Artigo recebido em:** 20/02/2016

**Artigo aprovado para publicação em:** 15/05/2016

O cubano Fernando Ortiz é um personagem multifacetado e consagrado como pioneiro nas pesquisas dos afrodescendentes e da cultura de seu país. A sua trajetória encontra-se vinculada aos estudos a respeito das diversas manifestações do negro cubano: comportamento, religião, música, festas, teatro, léxico. Desde o seu primeiro trabalho,

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de História da UNESP/Assis. Contato: [jbbeired@assis.unesp.br](mailto:jbbeired@assis.unesp.br).



*Los negros brujos*, de 1906, até o último, *Historia de una pelea cubana contra los demonios*, de 1959, a questão do negro foi central na sua produção intelectual. Também é associado ao conceito de *transculturação*, por ele formulado e com o qual obteve reconhecimento internacional mediante a publicação de *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* (ORTIZ, 1987). O livro é iniciado com a evocação de um poeta medieval espanhol, o clérigo Juan Ruiz, que escreveu em verso uma contenda satírica entre Dom Carnaval e Dona Quaresma.<sup>2</sup> A controvérsia imaginada pelo poeta serviu de inspiração ao cubano para discorrer a respeito dos surpreendentes contrastes que marcaram a trajetória dos dois produtos agrícolas fundamentais da história econômica e social da ilha, o “moreno tabaco” e o “esbranquiçado açúcar” – no original, *blanconaza azúcar*, termos pertencentes ao gênero feminino da língua espanhola (ORTIZ, 1987, p. 11).

Chamo a atenção do leitor para o uso desse recurso argumentativo, pois é um significativo exemplo não só do conhecimento que Ortiz possuía da cultura espanhola, mas também da sua importância na construção das suas reflexões. Além disso, ao longo do *Contrapunteo* são inúmeras as referências a personagens e eventos que, situados na Espanha, integravam a história do tabaco e do açúcar cubanos a um vasto complexo de relações internacionais. O *Contrapunteo* nos oferece, pois, uma sugestiva pista para investigar uma dimensão menos evidente e frequentemente negligenciada da biografia de Fernando Ortiz, relacionada não apenas aos seus conceitos, temas e abordagens, mas também ao seu protagonismo como um dos principais intelectuais públicos cubanos do século XX.

A minha hipótese é que os vínculos afetivos, acadêmicos e políticos de Ortiz com a Espanha tiveram um lugar central na sua trajetória enquanto estudioso e figura pública. Procuo demonstrar como certas experiências fizeram desse personagem um mediador cultural de primeira ordem para a compreensão das relações intelectuais hispano-cubanas. Entendo que a riqueza e originalidade do seu pensamento, assim como sua multifacetada atividade intelectual, apenas podem ser dimensionadas situando o personagem no cruzamento de diferentes realidades nacionais, étnicas e culturais (ESPAGNE, 1999) Ortiz desenvolveu uma teoria segundo a qual a história cubana é o resultado da interação de elementos complexos originados em diferentes civilizações e zonas geográficas. Tal

---

<sup>2</sup> Parte do *Libro de Buen Amor*, o poema intitulava-se “Pelea que tuvo Don Carnal con Doña Cuaresma”.

perspectiva esteve estreitamente vinculada à sua intervenção pública e iniciativas no campo acadêmico-cultural, as quais propiciaram a circulação de conhecimentos, cientistas e intelectuais que uniram Cuba e Espanha em uma rede internacional de cooperação e solidariedade.

## **O périplo da infância e da juventude**

No final do século XIX, Cuba ainda era uma província ultramarina espanhola e parte de um império em crise prestes a entrar em colapso definitivo. Com aproximadamente 1,5 milhão de habitantes, Cuba era não só um espaço estratégico, mas principalmente simbolizava a persistência do domínio espanhol na América. Com uma divisão étnica formada por 66% de brancos, 33 % de afro-cubanos e 1% de chineses, a sociedade cubana era dirigida por uma combinação de *criollos* e espanhóis recém-imigrados que mantinham uma relação de temor e distância em relação aos grupos de cor. Além do mais, na condição de ilha e carente de capitais, Cuba era um polo de permanente atração de mão de obra e de negócios, e palco de um numeroso fluxo de pessoas oriundas principalmente da Espanha, Estados Unidos e Caribe (HELG, 1994, p. 47).

Esse contexto constitui o pano de fundo do nascimento de Fernando Ortiz. Veio ao mundo no ano de 1881, em Havana, tendo como pais um próspero comerciante espanhol, Rosendo Ortiz, e uma jovem cubana filha de espanhóis, Josefa Fernández de Garay. Um ano depois, a mãe migrou com o pequeno filho para a Espanha, passando a morar com a família de uma prima em Menorca, ilha pertencente ao arquipélago das ilhas Baleares. Ortiz cresceu em uma família abastada que integrava um círculo social intelectualizado, crítico e politizado da elite menorquina. A convivência com o tio Lorenzo Cabrisas, comerciante e primeiro prefeito plebeu da cidade de Menorca, integrou-o a um círculo ilustrado de amigos que incluía o escritor Ángel Ruiz y Pablo e o pedagogo e estudioso da cultura local Juan Benejam (DIAZ, 2003, p. 44-45).

De forma similar a Cuba, Menorca também era um lugar de encontro de vários povos do Mediterrâneo, no qual séculos de contatos, conquistas e ocupação haviam sedimentado uma cultura peculiar. Além do espanhol, na ilha empregava-se o *lemosín*, dialeto das ilhas baleares derivado do catalão e que, falado e escrito desde a infância por



Fernando Ortiz, deixou-lhe um traço peculiar no sotaque pelo resto da vida. Não deixa de ser notável que tenha concluído seu primeiro livro com apenas quatorze anos, no qual já indicava as inclinações intelectuais da maturidade. Publicado em 1895, intitulava-se *Principi i Prostes*, escrito em dialeto menorquino, que significava “Entradas e Sobremesas”, a respeito da literatura *costumbrista* e do folclore da ilha (ORTIZ, 1895).<sup>3</sup>

Em seguida, voltou a Cuba para estudar direito na Universidade de Havana, onde viveu sua primeira experiência política durante os acontecimentos da Guerra de Independência, participando da fundação do jornal estudantil *El Eco de la Cátedra*. Retornou à Espanha em 1898 para concluir a graduação na Universidade de Barcelona e obter doutorado em Direito na Universidade de Madri. Depois de uma breve estadia para completar os estudos na Universidade de Havana, entre 1902 e 1903, regressou à Europa como funcionário do corpo consular cubano e trabalhou nas representações diplomáticas de La Coruña, Gênova, Marselha e Paris, cidade na qual foi secretário da legação.

Os futuros e permanentes interesses de pesquisa de Ortiz haviam sido estimulados durante os estudos de direito na Espanha. Certa ocasião, no Museu de Ultramar de Madri, deparou-se com uma misteriosa seita cubana de origem africana acusada de crimes – *Abakuá* – e propôs a si mesmo escrever um livro sobre as práticas da chamada *mala vida*<sup>4</sup> em Havana. Ortiz abraçou as teorias criminológicas em voga na Espanha e no restante da Europa para explicar os fenômenos sociais que extrapolavam as leis e os padrões estabelecidos de normalidade psicossocial. Suas viagens e interesses levaram-no a travar amizade com os dois principais expoentes da criminologia positivista, os italianos Enrico Ferri e Cesare Lombroso. Este último não só acompanhou a redação, mas também prefaciou *Los negros brujos*, o primeiro livro de Ortiz a sintetizar aqueles anos de pesquisa (ORTIZ, 1906). Em busca da compreensão do papel das raças na formação nacional cubana, a análise ortiziana ainda estava presa a uma visão deveras negativa do papel das tradições africanas, as quais manteriam a população de cor mergulhada em práticas e crenças primitivas. De qualquer forma, conferia um papel relevante à

---

<sup>3</sup> Constituíam um diálogo com o livro publicado na mesma época pelo amigo Ángel Ruiz y Pablo. *Per fer gana: caldereta d'articles menorquins*. Ciudadela de Menorca, 1895 (DIAZ, 2002, p. 45).

<sup>4</sup> Tal expressão era utilizada para caracterizar os comportamentos delitivos e antissociais no espaço social cubano, sobretudo, relativos aos grupos de cor.



dimensão cultural das práticas sociais que se mostrou crescente em suas análises em detrimento da noção de raça (HELG, 1994, p. 52).

Em 1906, Ortiz retornou definitivamente a Cuba e abriu uma nova etapa na sua trajetória. Seu talento e inquietações, unidos às boas relações pessoais junto aos círculos ilustrados da elite cubana, permitiram-lhe galgar rapidamente posições de prestígio acadêmico, político e profissional. Trabalhou como promotor da Audiência de Havana (1906-1909) e professor de Direito Constitucional e de Economia Política na Universidade da capital. Tornou-se membro da tradicional *Sociedad Económica de Amigos del País* (SEAP), em 1907, e no ano seguinte casou-se com a Esther Cabrera, filha do presidente da entidade. Na SEAP, Ortiz passaria a desempenhar um importante lugar, primeiramente na condição de diretor da famosa *Revista Bimestre Cubana*, cuja publicação foi reativada pela disposição do jovem advogado e posteriormente na condição de presidente da entidade.

### **A polêmica anti-hispanista**

A intervenção de Ortiz no debate sobre as relações entre a Espanha e as ex-colônias americanas marcou a sua entrada no debate dos assuntos públicos cubanos. Revelou-se um polemista habilidoso por meio da publicação de um conjunto de artigos no jornal *El Tiempo* e na *Revista Bimestre Cubana*, os quais foram publicados em livro sob o título de *La Reconquista de América. Reflexiones sobre el panhispanismo* (ORTIZ, 1910).<sup>5</sup> Os textos foram escritos por ocasião da turnê realizada pelo historiador espanhol Rafael Altamira em diversos países americanos com o objetivo de promover o estreitamento de laços com a Espanha. Por meio de uma argumentação provocativa, os artigos de Fernando Ortiz constituíram a mais dura crítica publicada por um cidadão latino-americano contra a viagem de Altamira, desatando reações tanto na imprensa cubana quanto espanhola.

Desde o final do século XIX, a Espanha vinha patrocinando iniciativas voltadas à reaproximação com o mundo americano por meio da imprensa, de congressos, tratados e da formação de associações tais como a *Unión Ibero-Americana*. Com sede em Madri, a

---

<sup>5</sup> Com 352 páginas, o livro é composto por 45 capítulos e uma introdução.



entidade foi criada por um comitê de políticos, empresários e intelectuais, tendo como objetivo explícito desenvolver ações para o fortalecimento dos vários campos das relações entre a Espanha e suas ex-colônias: comércio, imigração, navegação marítima, comunicação postal, propriedade intelectual, educação, ciência e difusão cultural, entre outros. Apoiada na América Latina por entusiastas desse projeto, foram criadas representações da associação na maioria dos seus países, e para a difusão da sua propaganda foi editada a revista *Unión Ibero-Americana*, com circulação em todo o continente.

As colônias de imigrantes espanhóis residentes nos países latino-americanos foram especialmente sensíveis aos apelos da *Unión Ibero-Americana* e participaram da propagação das ideias hispanistas defendidas pela entidade. Contra a tese da lenda negra que denegria o papel histórico da Espanha, o seu ideário buscava ao contrário exaltar os inúmeros aspectos considerados positivos das relações com os povos americanos, dentre os quais sobressaiam o descobrimento do continente, a difusão do cristianismo, a civilização dos indígenas, a concessão de uma língua e cultura, assim como a justiça e superioridade da monarquia. A própria formação das jovens nações era exaltada como obra do passado colonial e da maturidade alcançada pelos *criollos*. Num contexto de crítica aos Estados Unidos na virada do século XIX, especialmente a partir da intervenção militar na guerra de independência de Cuba, com a derrota humilhante da Espanha e a transformação da ilha em uma dependência política, as bandeiras hispanistas ganharam muito prestígio na América Latina, contagiando mesmo diversos governos da região.

Os imigrantes espanhóis em Cuba detinham um enorme controle dos negócios, da indústria e do comércio varejista, destacando-se na imprensa, no ensino e em variadas profissões. Uma série de entidades civis congregavam tais imigrantes de modo a permitir não apenas a sua organização, assistência social e defesa de interesses, mas também a obtenção de um *status* que os colocava no topo da sociedade cubana. Criadas no século XIX, tais entidades fortaleceram-se nas primeiras décadas do século XX, em razão da entrada maciça de novos imigrantes espanhóis, a exemplo de Angel Castro, pai do revolucionário Fidel (GOTT, 2006, p. 140-141). Alguns exemplos eram o *Casino Español*, o *Centro Gallego*, o *Centro Asturiano*, *Asociación Canaria*, *Centro Balear*, *Centro Catalán*, entre dezenas de associações espalhadas por toda a ilha. A maior destas,



o *Centro Gallego*, fundado em 1872, chegou a possuir mais de 50 mil sócios, oferecendo serviços tais como assistência financeira e hospitalar, escolas, bibliotecas e restaurantes (MACARRO, 1994, p. 147).

Patrocinada pela Universidade de Oviedo, a missão de Rafael Altamira teve como público alvo universidades, autoridades governamentais, órgãos de imprensa e centros de imigrantes. Com o objetivo de superar os preconceitos contrários à Espanha e apontar para uma nova fase de entendimento e colaboração recíproca, Altamira desenvolveu um conjunto de atividades acadêmicas e culturais na Argentina, Uruguai, Chile, Peru, México, Cuba e Estados Unidos. Representou um marco no âmbito das iniciativas espanholas que desde fins do século anterior debatiam-se pelo estreitamento de laços com o continente americano. A recepção encontrada por Altamira nos diversos países superou em muito as expectativas do projeto inicial e chamou a atenção do governo espanhol para o potencial das relações culturais para o incremento das relações com os países americanos.<sup>6</sup> Durante dez meses, entre 1909 e 1910, Altamira ofereceu cursos em universidades, proferiu palestras, reuniu-se com autoridades, estabeleceu contatos e deu início a uma ampla agenda de ações futuras para dar continuidade ao programa de aproximação cultural. A passagem do historiador por Cuba reavivou o patriotismo espanhol das colônias de imigrantes e foi recebida com efusão pelas elites locais, imprensa e instituições de perfil hispanófilo.

Qual o teor das críticas realizadas por Fernando Ortiz à campanha de Altamira? Os capítulos de *La Reconquista de América* concentravam-se nos problemas que afetavam a sociedade espanhola, no significado das iniciativas de aproximação e nas implicações disso para os cubanos. Tomou uma expressão do século XIX – a de *panhispanismo* – para associar o americanismo espanhol com outros fenômenos expansionistas tais como o pan-germanismo e o pan-eslavismo. Em sua opinião, o panhispanismo constituía um movimento de reação de uma nação deprimida internamente e de uma potência decadente que aspirava reerguer-se e retomar um lugar de prestígio no cenário internacional. Era uma iniciativa para a expansão dos interesses culturais e materiais da Espanha sobre os povos de língua espanhola: influência intelectual,

---

<sup>6</sup> A experiência de Altamira foi sintetizada no livro *Mi viaje a America*. Madrid: Lib. General Victoriano Suarez, 1911.



conservação do idioma, privilégios econômicos e legislação trabalhista para seus imigrantes, entre outros aspectos. A ação política direta não se fazia necessária, bastando a econômica e intelectual, definida pelo cubano como “neoimperialismo manso” (ORTIZ, 1910, p. 9).

Um dos aspectos mais salientes dos artigos era o ataque ao uso do conceito de raça pelo movimento hispanista.<sup>7</sup> O uso de tal conceito para classificar as coletividades humanas havia se tornado corrente no século XIX e ocorria das formas mais arbitrárias até as primeiras décadas do século XX. Uma delas era a associação de raças a coletividades transnacionais, por exemplo, de raiz germânica, eslava, latina ou hispânica, justificando os chamados “panismos”. Para Ortiz, as questões da raça estavam na ordem do dia, como demonstravam os debates sobre a suposta decadência latina e a superioridade saxã ou a realização do Primeiro Congresso Universal das Raças, em 1911. Assinale-se, ainda, que durante sua estadia na Europa, o cubano teve a oportunidade de tomar contato e mesmo assimilar certas teorias racialistas ali desenvolvidas, a exemplo das concepções lombrosianas que alimentaram seus primeiros estudos a respeito do negro em Cuba e que posteriormente foram abandonadas.

A crítica ao pan-hispanismo representou a primeira importante mudança das concepções positivistas de Ortiz sobre o problema racial. No seu balanço das teorias raciais, argumentava que estas se limitavam a afirmações vagas e que as raças não eram criadas pela natureza, mas antes elaborações humanas formuladas com certas finalidades: “A natureza não cria raças, como não cria espécies, nem gêneros; os homens os inventam para suas finalidades científicas, sociais, políticas, religiosas, etc.” (ORTIZ, 1910, p. 12)<sup>8</sup>. A aplicação do conceito de raça para definir uma coletividade era totalmente inconsistente, a exemplo do caso da Espanha, formada pela sobreposição de inúmeros povos ao longo de milhares de anos. Endossava a perspectiva do sociólogo catalão Pompeyo Giner, que questionava a unidade étnica da espanhola – “a palavra Espanha

---

<sup>7</sup> A crítica ao conceito de raça foi desenvolvida principalmente nos seguintes capítulos: *La raza española; Civilizaciones, no razas; ¿De Cam o de Israel?; Latinismo; La fuerza de la raza; Los dos racismos*. ORTIZ, Fernando. *La Reconquista de América*. Reflexiones sobre el panhispanismo. Paris: Libreria Paul Ollendorff, 1910, p. 11-47.

<sup>8</sup> No original: “La naturaleza no crea razas, como no crea especies, ni géneros; los hombres los inventa para sus fines científicos, sociales, políticos, religiosos, etc”



não indica mais que um agregado heterogêneo formado por circunstancias políticas”<sup>9</sup> – contra o argumento do francês Alfred Fouillée, segundo o qual “Espanha é junto com a Inglaterra, o país europeu com maior unidade étnica” (ORTIZ, 1910, P. 14- 15).<sup>10</sup>

Oriz também considerou completamente equivocado o uso de conceitos tais como “raça hispânica”, “raça ibero-americana” ou “comunidade de raça” para definir a unidade das populações que habitavam a Espanha e suas ex-colônias americanas. No lugar de raças, considerava mais apropriado falar em *civilizações*, entendendo, que os racismos em voga constituíam na realidade uma disputa de civilizações (ORTIZ, 2010, p. 20)<sup>11</sup>. Mas então, como explicar o uso tão frequente do termo raça? No caso da Espanha, a evocação do “sésamo da raça” servia para que o país tivesse as portas americanas abertas para a expansão dos seus interesses econômicos, políticos e culturais. Era uma forma ilusória e fadada ao fracasso de substituir os elementos que Ortiz acreditava darem expressão às potências internacionais. Argumentava que o conceito de raça fazia o papel de máscara: a supremacia racial, embora ilusória, parecia grandiosa, mais nobre e altruísta, encobrindo o egoísmo, o sentimento de domínio e expansivo dos Estados. Ante as contingências históricas parecia eterna e mais natural, irremovível e providencial que os interesses estatais. Em suma, o princípio antropológico de raça operava como vigoroso substituto ideológico do imperialismo (ORTIZ, 1910, p. 22)<sup>12</sup> No entanto, Ortiz acreditava positivamente no valor das civilizações e em contraste com o “sentimento de raça”, definia o “sentimento de civilização” como ilimitado, cosmopolita e humano (ORTIZ, 1910, p. 22)<sup>13</sup> Anos depois, afirmaria que: “a cultura une a todos; a raça apenas os eleitos ou os malditos.”<sup>14</sup> Como situar a realidade cubana diante de tais considerações?

---

<sup>9</sup> No original: “(...) la palabra “Espanña no indica más que um agregado heterogéneo hecho por circunstancias políticas.”

<sup>10</sup> No original: “(...) España es junto com Inglaterra, el país europeo de mayor unidad étnica.”

<sup>11</sup> No original: “(...) los racismos, como hoy se presentan a la sociedad, se reducen a juego de civilizaciones.”

<sup>12</sup> No original: “No se extrañe, pues, que hoy el principio antropológico de raza, aun siendo socialmente ilusión, como lo fué el principio religiosos ayer, sea un vigorante substituto ideológico del imperialismo, que siempre las ideas, aun siendo falsas y malas o buenas, han robustecido sentimientos y han disfrazado egoísmos, fuesen éstos santos o perversos.”

<sup>13</sup> No original: “Por otra parte, el sentimiento de civilización es ilimitado, es cosmopolita, quiero decir, de la humanidad; el sentimiento racista es limitado, exclusivo aun cuando tende a la expansión de un pueblo, es menos (o acaso, demasiado) humano.”

<sup>14</sup> No original: “La cultura une a todos; la raza sólo a los elegidos o a los malditos.” Afirmação proferida em discurso na comemoração do 136º aniversário da *Sociedad Económica de Amigos del País*, em Havana,



Ainda preso a um paradigma evolucionista quando publicou *La Reconquista de América*, Ortiz enxergava o mundo como uma gradação de civilizações em que umas se mostravam superiores às outras. Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha eram claramente superiores à Espanha e por extensão a Cuba. A quem os cubanos deveriam seguir? A ilha necessitava colocar-se em dia com o mundo e alimentar-se do contato com as diversas civilizações. Por meio de uma metáfora, evocava os furacões da energia de outros povos: “*Movam todos nosso mar, que apenas assim poderemos sair desta calma eterna e desesperante em que vamos afundando, quase sem mover-nos*” (ORTIZ, 1910, p. 34).<sup>15</sup>

Crítico das ilusões de românticos e imperialistas, recusava que a língua e o sangue pudessem dar unidade aos povos, pois o que os aproximava era a afinidade de civilização. Para Ortiz, a Espanha alardeava a força do idioma, a raça e a religião, pois lhe faltavam outros fatores decisivos tais como a indústria, o comércio, a agricultura, o exército, a marinha, a escola, a riqueza, a ciência, em suma, a civilização. Provocativamente, afirmava que “Buenos Aires estava mais próxima de Paris que de Madri” (ORTIZ, 1910, p. 40).<sup>16</sup> Por sua vez, contestava o que chamava de “sociologia hispanizante” abraçada por determinados setores cubanos. De acordo com eles, as disposições anatomo-fisiológicas dos habitantes de Cuba estavam associadas à raça hispânica, uma vez que o povo cubano era fruto do passado espanhol, modificado pela adaptação ao ambiente (ORTIZ, 1910, p. 220).

Ortiz repudiava ainda a pretensão de Rafael Altamira de que a América Hispânica deveria manter relações privilegiadas com a “pátria mãe” em detrimento de outras nações. Para o cubano, a aproximação do seu país com a Espanha apenas desviaria a ilha de outros modelos civilizatórios e do seu próprio estudo introspectivo; em lugar disso defendia as relações com os Estados Unidos, justamente o país que Rafael Altamira via como maior fonte de ameaça aos interesses e à identidade da comunidade hispânica. O papel dos Estados Unidos em Cuba era objeto de tanta polêmica quanto o lugar da Espanha. A grande admiração de Ortiz pelos Estados Unidos, patente ao longo do livro, era alimentada por suas concepções republicanas, laicas e modernizantes. Fazendo uma

---

em 9 de janeiro de 1929, da qual era presidente. ORTIZ, Fernando. Ni racismos ni xenofobias. *Revista Bimestre Cubana*. Vol. XXIV, nº 1, La Habana, p. 6-19, ene-feb 1929.

<sup>15</sup> No original: “*Muevan todos nuestro mar, que sólo así podremos salir de esta calma eterna y desesperante en que nos vamos agotando casi sin movernos.*”

<sup>16</sup> No original: “*Buenos Aires está más cerca de Paris que de Madrid.*”



Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, Nº. 20, p. 05-26, Jan/Jun., 2016.

<http://revista.anphlac.org.br>

analogia com o declínio do império romano, dava boas vindas ao “novo bárbaro do norte” que acreditava infundir vigor ao povo cubano.

A educação, a cultura e a ciência eram estratégias chave para alcançar a modernidade e a civilização. Dava o exemplo da China, que tornara o ensino primário obrigatório e estimulava a educação formal dos níveis superiores. Olhando para norte, defendia a “setentrionalização” do povo cubano como uma meta longa e nada simples. Seria alcançada por vários meios: a emigração intelectual e temporária aos centros de cultura; formação de uma elite intelectual e moral; e a recapacitação do povo. O desconhecimento dos idiomas estrangeiros era o principal obstáculo, sobretudo do inglês, que deveria ser difundido em todos os níveis, inclusive em cursos para os setores populares (ORTIZ, 1910, p. 240-247). Portanto, a evolução em direção aos estratos superiores da cultura dependia essencialmente da ação de fatores externos.

Anexionista, poderiam acusar seus opositores. Ele mesmo se adiantava em responder a essa crítica, contraargumentando que se tratava de fazer o mesmo que a Espanha. Ou seja, enquanto esta buscava europeizar-se, não fazia o menor sentido Cuba se hispanizar: “*Espanha e Cuba necessitam regenerar-se*”. Americanismo e cubanismo fundiam-se em um só ideal de modernização e de superação da condição colonial. Porém, a emancipação intelectual dos cubanos permanecia como uma tarefa inconclusa. A secular luta contra a Espanha terminara para os que combatiam com o machete, mas não para aqueles que lutavam com as ideias, os quais ainda não haviam encontrado seu 1898, em alusão à data final da guerra de independência (ORTIZ, 1910, p. 248-249)

### **A promoção das relações hispano-cubanas**

Apesar da infância, juventude e a formação intelectual de Ortiz terem sido forjadas principalmente na Espanha, isso não impediu que desenvolvesse nos anos 1910 uma postura em prol do que denomino “nacionalismo cubano” e que se apresentasse como um crítico mordaz das iniciativas que buscavam reatualizar a tutela da ex-metrópole sobre os povos americanos. Entendo que a vigorosa intervenção de Ortiz na discussão sobre o



papel da Espanha foi decisiva para demarcar um lugar próprio no ambiente intelectual cubano e para ampliar a sua projeção no debate das questões públicas.

Ortiz colocou em marcha inúmeras iniciativas políticas, acadêmicas e culturais que o transformaram em uma figura de proa da vida pública cubana. Participou ativamente da vida política por meio do Partido Liberal na qualidade de deputado, entre 1917 e 1927, e como vice-presidente da Câmara de Deputados. Nos anos 1920, representou a juventude de esquerda dentro do Partido Liberal e participou como delegado de Cuba na Conferência Pan-americana de 1928, durante a qual interveio para a criação do Instituto Pan-Americano de Geografia.<sup>17</sup>

De forma ininterrupta, continuou a pesquisar as diversas facetas da história, cultura, e língua dos afrodescendentes cubanos, tornando-o a principal autoridade cubana do assunto.<sup>18</sup> Entre outras atividades, participou da fundação da *Sociedade do Folklore Cubano* e da revista *Archivos del Folklore*, ambas sob sua direção nos primeiros anos de funcionamento. E esteve à frente de entidades consagradas como a *Academia de História de Cuba* e a centenária *Sociedad Económica de Amigos del País*.

Em meio a esse turbilhão de atividades, as posições de Ortiz com relação à Espanha sofreram uma notável inflexão durante os anos 1920. De crítico mordaz do pan-hispanismo, passou a protagonista de uma nova fase das relações entre Cuba e a ex-metrópole. Não são claras as motivações dessa guinada, mas um componente a ser considerado era a sua frustração em relação ao crescente intervencionismo dos Estados Unidos na América Central e Caribe, sentimento perceptível ao menos desde o seu protesto contra o intervencionismo norte-americano na Nicarágua (ORTIZ, 1913, p. 128-132).<sup>19</sup>

Apesar de seus ataques às investidas tutelares da propaganda oficial hispanista, até que ponto Ortiz havia efetivamente rompido relações com o país da sua infância, juventude e grande parcela da sua formação acadêmica e intelectual? Sustento que a despeito de suas diatribes contra tal propaganda, Ortiz nunca havia de fato abandonado

---

<sup>17</sup> Em 1926, apresentou um Projeto de Código Criminal no qual ainda manifestavam-se elementos da criminologia positivista que seriam deixados de lado a partir de então.

<sup>18</sup> Publicou os seguintes livros: *Las rebeliones de los afrocubanos*, 1910; *Entre cubanos: psicología tropical*, 1913; *Hampa afrocubana: los negros esclavos*, 1916; *Los cabildos afrocubanos*, 1921; *Historia de la arqueología indocubana*, 1922; *Un catauro de cubanismos*, 1923; *Glosario de afronegrismos*, 1924.

<sup>19</sup> Em 1911, os Estados Unidos apoiaram a tomada do poder pelo presidente Adolfo Díaz e permaneceram ocupando o país nos treze anos seguintes.

os vínculos com o ambiente acadêmico e cultural da Espanha, como atesta sua permanente correspondência com escritores, historiadores, sociólogos, criminalistas e antropólogos espanhóis, dentre os quais figurava Miguel de Unamuno.<sup>20</sup>

Uma hipótese a ser considerada é que justamente o cultivo de relações com personagens da sociedade espanhola pode ter contribuído positivamente para a mudança de atitude de Fernando Ortiz a respeito do papel da Espanha na vida cubana. As críticas incisivas e intempestivas contra a Espanha que haviam pautado os textos de *La Reconquista de América* deram lugar à construção de estratégias voltadas para o estreitamento de laços acadêmicos e culturais. Para Ortiz, apesar dos problemas internos, a Espanha era uma nação mais moderna que Cuba e que ao mesmo tempo mantinha inúmeras afinidades com a ilha, facilitando as possibilidades de colaboração.

O evento mais notável da nova fase da trajetória de Ortiz foi a iniciativa de fundar a *Institución Hispano Cubana de Cultura*, também conhecida como *Hispanocubana*, a qual, sob a sua presidência, desempenharia um papel muito importante na promoção de vínculos com a Espanha. Era uma entidade inspirada em outras que haviam sido criadas em outros países hispano-americanos e nos Estados Unidos e com as quais foi arquitetada uma rede internacional de colaboração científico-cultural. Criada em 1926, a instituição cubana era a quarta do gênero a ser criada na América por iniciativa e financiamento da sociedade civil, depois da Argentina (1914), Uruguai (1918) e México (1925).<sup>21</sup> O empreendimento foi financiado com a ajuda dos centros de imigrantes e de empresários espanhóis radicados na ilha, acolhendo como associados personalidades do ambiente intelectual e cultural cubano, inclusive mulheres, representadas por meio de uma Comissão Assessora Feminina. Como objetivo geral, a entidade buscava

procurar o incremento das relações intelectuais entre Espanha e Cuba por meio do intercâmbio de seus homens de ciência, artistas e estudantes, criação e manutenção de cátedras, e realização de propaganda com a finalidade de

---

<sup>20</sup> Em 1925, foi convidado pela Real Academia da Língua Espanhola a criar uma Academia correspondente em Cuba. A ideia não foi adiante, mas Ortiz passou a integrar a Real Academia, assim como outras academias espanholas. NARANJO, Consuelo; PUIG-SAMPER, Miguel Angel. Fernando Ortiz y las relaciones científicas hispano-cubanas. *Revista de Índias*, nº 219, 2000, p. 484.

<sup>21</sup> Depois, seguiram-se a de Nova Iorque (1927), República Dominicana (1928), Porto Rico (1928), Paraguai (1928), Bolívia (1931).



intensificar e difundir a cultura que nos é própria (NARANJO; PUIG-SAMPER, 2000, p. 487).<sup>22</sup>

Era uma associação independente de governos que se pautava pelo fomento das relações com a Espanha. Imbuída de uma perspectiva aberta e progressista, recusava o discurso baseado na “comunidade de raça” assim como qualquer tipo de tutela intelectual. Ortiz fazia questão de frisar a autonomia da *Hispanocubana* em relação a sectarismos, interesses políticos e propagandas unilaterais, assim como o desinteresse pelos tópicos tradicionais do hispanismo formados pela apologia “da raça, da língua, da história e do império cervantino”. No lugar disso, afirmava o compromisso com a ciência e a arte, com o trabalho cerebral e o estudo. Para a divulgação nacional e internacional da entidade, criou duas revistas, *Mensajes de la Institución Hispanocubana de Cultura* (1928-1931) e *Surco* (1930-1931).

Ortiz almejava desenvolver um plano de trabalho articulado com a *Junta para la Ampliacion de Estudios* (JAE) de Madri, que era uma instituição estatal de pesquisa voltada para a inovação científica e formação de quadros científicos e intelectuais. Criada em 1907, a JAE aglutinava os mais importantes quadros da ciência e da cultura espanhola com o objetivo de promover a modernização do conhecimento e em última instância da própria Espanha. Uma das dimensões do trabalho da JAE consistia em estabelecer relações institucionais com outros países de modo a proporcionar o intercambio de professores tanto para a aquisição como a difusão de novos conhecimentos. A receptividade da JAE à iniciativa cubana foi extremamente positiva e, posta em ação, possibilitou o desenvolvimento de inúmeras atividades acadêmicas que contribuíram para estreitar os laços entre as comunidades acadêmicas da Espanha e de Cuba. Para o presidente da JAE, o neurocientista Santiago Ramón y Cajal, ambas as entidades orientavam-se pelos mesmos princípios de trabalhar pela ciência independentemente da política, religião e nacionalidade (NARANJO; PUIG-SAMPER, 2000, p. 491).

Por sugestão de Ortiz, cada uma das instituições, *Hispanocubana* e JAE, passou a representar oficialmente a outra em seu país de origem. Ele também almejava construir

---

<sup>22</sup> No original: “(...) procurar el incremento de las relaciones intelectuales entre España y Cuba por medio del intercambio de sus hombres de ciencia, artistas y estudiantes, creación y sostenimiento de cátedras, y realización de propagandas, con el fin exclusivo de intensificar y difundir la cultura que nos es propia.”

uma rede internacional que pudesse vincular diversas instituições das Américas e permitisse a circulação de professores e de bolsistas. Exemplo disso foram as atividades organizadas com a *Institución Hispano Mexicana de Intercambio Universitario*, o *Instituto Hispánico* da Universidade de Columbia e a Universidade de Porto Rico. Dessa forma, conseguiu levar a cabo um amplo programa de ações acadêmicas e culturais que permitiram a ida a Cuba de dezenas de renomados professores universitários, escritores e artistas espanhóis, tais como o poeta Gabriel Garcia Lorca, o historiador Claudio Sanchez Albornoz, o filólogo Ramón Menéndez Pidal e o político socialista Fernando de los Rios, entre outros. Além de desenvolverem atividades em Havana, tais personagens também viajavam às filiais da *Hispanocubana* espalhadas pela ilha para a realização de conferências e dessa forma contribuir com a difusão democrática do conhecimento.

A despeito da revalorização do papel científico e cultural da Espanha, Ortiz desenvolveu as ações da *Hispanocubana* pautado por um conceito de “soberania intelectual” que não se dobrava às determinações externas. Isso ficou bem patente em um episódio que gerou atrito entre a JAE e a *Hispanocubana* em torno da indicação de conferencistas. O debate do financiamento das passagens marítimas suscitou mal-estar entre os dirigentes da JAE quando estes souberam que a *Hispanocubana* fazia questão de indicar os nomes dos professores espanhóis que iriam a Cuba, não aceitando, portanto, a intromissão da sua parceira espanhola. Para os espanhóis, a posição cubana era uma exceção e não fazia sentido, pois todos os professores enviados às instituições congêneres na América eram indicados pela JAE. Em resposta, Ortiz argumentou que diferentemente das outras instituições culturais americanas, a *Hispanocubana* era formada por cubanos e alguns espanhóis que os apoiavam, com o objetivo principal de promover a cultura e a ciência de Cuba, lembrando ainda que a entidade mantinha relações com outras similares na América e não apenas com a JAE da Espanha (NARANJO; PUIG-SAMPER, 2000, p. 491-492). Uma nova fase na história da *Hispanocubana* iniciou-se em 1936, depois da retração das suas atividades em função da crise política produzida pela ditadura do presidente Gerardo Machado. Nesse interregno, Fernando Ortiz militou nas fileiras opositoras e auto exilou-se nos Estados Unidos, onde atuou como embaixador da



revolução antimachadista, entre 1931 e 1933.<sup>23</sup> A retomada das atividades da *Hispanocubana* coincidiu com as tensões políticas do regime republicano espanhol, tendo como ato inaugural da nova etapa uma conferência intitulada “O sentido da revolução espanhola”, realizada pelo embaixador espanhol Felix Gordon Ordás. Pouco depois, eclodia a Guerra Civil na Espanha, o que acabou por converter a entidade em um verdadeiro centro de apoio e de acolhimento dos perseguidos e exilados espanhóis.

A Guerra Civil Espanhola causou uma enorme comoção em Cuba, com a divisão da colônia espanhola e da opinião pública da ilha entre os dois lados em luta. Os favoráveis ao governo republicano organizaram uma ampla rede de solidariedade que se traduziu na formação de comitês de auxílio para a arrecadação de dinheiro, alimentos, roupas e todo tipo de produtos básicos a serem enviados à Espanha. Jornais, revistas e programas radiofônicos dedicados à causa foram criados e mais de mil combatentes saíram de Cuba para se juntarem às Brigadas Internacionais para lutar contra os rebeldes nacionalistas (NARANJO, 1988, p. 59-73) Foi nesse ambiente em ebulição que, à frente da *Hispanocubana*, Fernando Ortiz conduziu numerosas gestões com outras instituições da América Latina, Estados Unidos e Europa de modo a garantir o funcionamento de uma rede internacional de solidariedade aos exilados republicanos.

Essa rede permitiu que os exilados fossem acolhidos do ponto de vista legal e mantidos graças a bolsas e subvenções para a realização de estudos e conferências nas instituições culturais e nas universidades. A maioria dos exilados realizou uma espécie de rodízio, que os obrigou a se deslocarem quase que de forma permanente pelo continente americano conforme surgiam ofertas de vagas para a realização de atividades acadêmicas e culturais. Um dos casos mais emblemáticos foi o México, que além de receber crianças enviadas pelos republicanos, também recebeu uma grande quantidade de professores universitários e intelectuais. Para isso, Daniel Cosío Villegas e Alfonso Reyes (antigo colaborador do Centro de Estudos Históricos da JAE) criaram a *Casa de España* – futuro

---

<sup>23</sup> Ortiz funda e preside a *Sociedad de Estudios Afrocaribios* em 1937, cujo objeto era “estudar com critério objetivo os fenômenos (demográficos, econômicos, jurídicos, religiosos, literários, artísticos, lingüísticos e sociais em geral) produzidos em Cuba pela convivência de diferentes raças, especialmente a chamada negra de origem africana e a chamada branca ou caucásica a fim de explicar os fatos reais, suas causas e conseqüências e a maior compenetração igualitária dos diversos elementos integrantes da nação cubana em direção à feliz realização dos seus comuns destinos históricos”. Cf ITINERARIO 1881-1969. Consultar < <http://www.fundacionfernandoortiz.org/downloads/ITINERARIO.pdf>>, Acesso: 10/05/2016.



*Colégio de Mexico* – para acolher os exilados em 1938. Alguns dos professores recebidos por Cuba foram Ramón Menendez Pidal, Claudio Sanchez Albornoz, Jose Maria Ots Capdequí, Luis Recasens, Maria Zambrano, Gustavo Pittaluga e Luis de Zulueta, entre muitos outros. Com o final da Guerra Civil, muitos dos exilados não mais retornaram à Espanha para fixarem residência na América Latina, Caribe e Estados Unidos. Fruto do exílio republicano, em 1943, seria realizada na Universidade de Havana a primeira reunião da *Unión de Profesores Españoles Emigrados* para discutir questões a respeito da realidade espanhola.<sup>24</sup>

Graças ao empenho de Fernando Ortiz, a *Hispanocubana* integrou uma rede cultural tecida ao redor de espaços institucionais que teve um papel absolutamente essencial para dar suporte aos exilados espanhóis no continente americano. José Castillejo, ex-secretário da JAE que não mais retornou à Espanha<sup>25</sup>, expressou seu reconhecimento a Ortiz e à solidariedade americana nos seguintes termos:

Na hecatombe espanhola, os países da Hispano-américa estão chamados a ser não apenas os herdeiros de muitos valores espirituais, mas tutores da pobre irmã enferma, ferida, aterrorizada, em um continente que passa pela mais horrível crise desde o século V (CASTILLEJO, 31/07/1940).<sup>26</sup>

## Considerações finais

Voltando ao problema inicial, como pensar o lugar da Espanha na atividade pública e obra de Fernando Ortiz? Em primeiro lugar, entendo que se a Espanha continuou a ser uma referência para os países hispano-americanos depois da independência, isso foi tanto mais pronunciado no caso de Cuba. As relações políticas, comerciais e culturais associadas ao enorme fluxo migratório de espanhóis contribuíram para a construção de laços duradouros. A infância e a juventude de Ortiz, vividas entre dois territórios

---

<sup>24</sup> A respeito do exílio espanhol em Cuba e os cientistas que ali se radicaram, ver: ALTED, VIGIL, Alicia; GONZALEZ MARTELL, Roger. Científicos españoles exiliados en Cuba. *Revista de Indias*, vol. LXII, nº 224, 2002, p. 173-194.

<sup>25</sup> Castillejo manteve-se exilado em Genebra e em Liverpool, onde morreu em 1945.

<sup>26</sup> No original: “*En la hecatombe española, los países de Hispanoamérica están llamados a ser no sólo los herederos de muchos valores espirituales sino los tutores de la pobre hermana enferma, herida, aterrada, en un continente que pasa por la más horrible crisis desde el siglo V.*”



distantes, eram exemplares de como os vínculos familiares formavam pontes que cruzavam o oceano. O mesmo pode ser dito da sua formação acadêmica e intelectual na Espanha. Além disso, o caráter insular de Cuba tornava não apenas necessário, mas também natural a manutenção de relações com outros países e nada mais óbvio que a Espanha e os Estados Unidos tivessem ambos um papel preponderante, quer pelas relações históricas, quer pela proximidade geográfica e relações econômicas.

O regeneracionismo espanhol foi uma das referências intelectuais de Fernando Ortiz. Como é sabido, foi um movimento de opinião que buscou explicar e dar solução aos problemas da Espanha na virada do século XIX. A formação de Ortiz nas universidades espanholas transcorreu justamente no auge dos debates regeneracionistas, cujas ideias e autores figuram recorrentemente nos artigos que compõem *La Reconquista de America*. Era clara sua identificação com as grandes linhas do ideário regeneracionista, as quais ele *tomava e adaptava* para a realidade de Cuba: crítica ao arcaísmo político, progressismo republicano, visão ética da vida pública, modernização econômica e social, aposta na educação, na ciência e no trabalho como bases para a transformação da sociedade cubana e a sua integração com o mundo contemporâneo. Como na Espanha, o regeneracionismo ortiziano fazia-se acompanhar do nacionalismo político e do cosmopolitismo cultural.

O debate sobre a nacionalidade cubana movia-se nas primeiras décadas do século XX entre posições polarizadas ao redor da identidade negra e branca de origem espanhola. Uma questão controversa era o temor da “africanização” cultivado pelas elites brancas e fantasma que alimentou a discussão sobre o conceito de raça em Cuba no século XIX, vinculando raça ao conceito de nacionalidade cubana, não apenas em termos do que era a cubanidade, mas também de quem eram os seus portadores. Majoritariamente, as elites abraçavam um projeto de identidade que afirmava a superioridade da “raça” branca e hispânica sobre as demais. Em outro extremo, a luta por direitos e contra a discriminação dos grupos de cor levou à formação de uma organização, o *Partido Independiente de Color*, em 1908. Impedido de funcionar legalmente e de participar de eleições pela Lei



Morúa (1910)<sup>27</sup>, os membros do partido promoveram contra esse dispositivo um levante armado que foi severamente reprimido pelas autoridades.

Embora Ortiz concordasse com os termos da Lei Morúa, que proibia as organizações políticas em bases raciais, de forma alguma isso significava endossar a discriminação do negro ou a supremacia do branco. Mesmo em um contexto social propício às práticas e discursos racistas, Ortiz defendia firmemente a tese de que o estímulo ao racismo levaria à desintegração suicida da nação cubana (ROJAS, 2004, P. 14-15).

A vigorosa crítica desfechada à missão de estreitamento dos laços hispano-cubanos levada a cabo por Rafael Altamira visava, sobretudo, questionar uma posição que reforçava a condição neocolonial da ilha, o racismo das elites e as posições políticas conservadoras. A crítica ao pan-hispanismo não impediu que posteriormente Ortiz se empenhasse no intercambio científico e cultural de Cuba com a Espanha. O objetivo passou a ser propiciar a colaboração internacional a serviço dos interesses e da modernização da sociedade cubana pautada por uma relação de equidade entre cubanos e espanhóis. Certamente, Ortiz não imaginava que a *Hispanocubana* acabaria por desempenhar um papel fundamental no socorro aos perseguidos das lutas políticas da Guerra Civil Espanhola e que integraria uma rede que não mais era de colaboração, mas de solidariedade.

Os anos 1930 também foram um período de amadurecimento de ideias e de pesquisa que culminou na sua obra mais conhecida, *Contrapunto cubano del tabaco y del azúcar*, publicada em 1940. O conceito de transculturação que fundamenta a análise do livro lançou uma nova luz sobre a interpretação do passado cubano, definido como a “história de suas intrincadíssimas transculturações” (ORTIZ, 1987, p. 95). O vocábulo expressava as complexas transmutações das culturas imigratórias que haviam incidido sobre a história da ilha, as quais, além de índios, africanos e espanhóis, incluíam norte-americanos, franceses, portugueses, ingleses, judeus e chineses. Era um processo que

---

<sup>27</sup> Esse dispositivo, aprovado com polêmica pelo Senado e pela Câmara de Deputados, foi proposto pelo senador Martín Morúa Delgado, do Partido Liberal, e impedia o funcionamento legal de associações políticas formadas por indivíduos de uma só raça ou cor. Sendo Morúa Delgado mulato, a proposta também encontrou respaldo em lideranças da comunidade negra. O debate a respeito da questão racial em Cuba pode ser apreciado em DE LA FUENTE, Alejandro. *A nation for all: race, inequality, and politics in Twentieth Century Cuba*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2001.



afetava todas as esferas da história cubana e que continuava a se fazer presente por meio das relações de Cuba com o restante do mundo (ORTIZ, 1987, p. 92-97).

A transculturação era um fenômeno amplo que repercutia inclusive na conformação da identidade nacional da ilha, levando Ortiz a refletir a respeito. “Cubanidade” foi o conceito desenvolvido por Ortiz para definir a nacionalidade de seu país em uma conferência realizada em Havana para discutir o assunto.<sup>28</sup> Para Ortiz, a cubanidade não era uma questão de raças, pois, segundo suas palavras, “a raça, ao final das contas, não é senão um estado civil assinado por autoridades antropológicas” (ORTIZ, 1964, p. 93). Cubanidade significava condição de alma, complexo de sentimentos, ideias e atitudes: era o pertencimento à cultura cubana. Longe de tomar a cubanidade como uma essência imutável ou como um fenômeno atemporal, considerava-a um conceito vital de fluência constante, pois toda a cultura era dinâmica, não apenas como transplantação de múltiplos ambientes estranhos, mas também em suas transformações locais, em suma, um artefato também sujeito ao processo de transculturação (ORTIZ, 1964, P. 96).

Tal concepção distanciava Ortiz do nacionalismo étnico corrente na América Latina que idealizava o branqueamento ou a mestiçagem homogeneizadora como saída para os impasses nacionais. Seria mais apropriado definir o nacionalismo de Ortiz como *transcultural*, no qual o processo de transmutação de culturas mantinha determinadas características dos elementos originais de cada uma. Ortiz abraçava um reformismo republicano que remontava a José Martí na medida em que entendia a nacionalidade cubana em termos cívicos, como expressão de uma cidadania moderna apoiada na igualdade de direitos e deveres, portanto, como algo que ia além da mera interação cultural dos seus componentes étnicos (ROJAS, 2004, p. 9-16).

Ortiz foi um personagem singular. A sua história familiar, sua formação acadêmica e as suas atividades públicas e intelectuais – pesquisador, escritor, promotor cultural, figura pública – qualificaram-no como um mediador cultural situado no cruzamento não só de dois países, Cuba e Espanha, mas de dois continentes e de diversos repertórios étnicos que se encontravam na ilha, de tal modo que ele próprio era a

---

<sup>28</sup> A conferência intitulada “*Los factores humanos de la cubanidad*” foi publicada em folheto em 1940, em Havana. Utilizamos um fragmento da conferencia disponível em: ORTIZ, F. Cubanidad y cubania. *Islas*, Santa Clara (Cuba), VI, n° 2, 1964, p. 91-96.

encarnação mais viva do que chamou de transculturação. Até que ponto teria sido consciente disso?

Certamente, houve muitos indivíduos que vivenciaram trajetórias similares, mas coube a Fernando Ortiz encontrar uma chave explicativa de um aspecto crucial para a compreensão tanto da história cubana quanto de sua trajetória pessoal.

### Referências Bibliográficas

- ALTAMIRA, Rafael. *Mi viaje a America*. Madrid: Lib. General Victoriano Suarez, 1911.
- ALTED, VIGIL, Alicia; GONZALEZ MARTELL, Roger. Cientificos españoles exiliados en Cuba. *Revista de Indias*, vol. LXII, nº 224, p. 173-194, 2002, p. 173-194.
- CASTILLEJO, José. Correspondência, 31/07/1940. *Apud* NARANJO, Consuelo; PUIG-SAMPER, Miguel Angel. Fernando Ortiz y las relaciones científicas hispano-cubanas, 1900-1940. *Revista de Índias*, nº 219, p. 502-503, 2000.
- DE LA FUENTE, Alejandro. *A nation for all: race, inequality, and politics in Twentieth Century Cuba*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2001.
- DIAZ, Maria del Rosário. La iniciación intelectual de Fernando Ortiz. *Cuadernos Hispanoamericanos*, nº 641, p. 43-48, Nov. 2003.
- ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris, PUF, 1999.
- GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006., p. 140-141.
- HELG, Aline. Race in Argentina and Cuba, 1880-1930. In GRAHAM, Richard (ed.). *The idea of race in Latin America, 1870-1940*. Austin: University of Texas, 1994.
- ITINERARIO 1881-1969. Consultar <  
<http://www.fundacionfernandoortiz.org/downloads/ITINERARIO.pdf>>, Acesso:  
10/05/2016.



MACARRO, José Manuel. La imagen de España en Cuba. In SANCHEZ, Rafael et alii. *La imagen de España en America (1898-1931)*. Sevilla: CSIC, 1994.

NARANJO, Consuelo. *Cuba, otro escenario de lucha*. La Guerra Civil y el exilio republicano español. Madrid: CSIC, 1988.

NARANJO, Consuelo; PUIG-SAMPER, Miguel Angel. Fernando Ortiz y las relaciones hispano-cubanas. *Revista de Índias*, nº 219, p. 477-503, 2000.

ORTIZ, F. Cubanidad y cubanía. *Islas*, Santa Clara (Cuba), VI, nº 2, p. 91-96, 1964.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunto cubano del tabaco y el azúcar*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1987,

ORTIZ, Fernando. *La Reconquista de América*. Reflexiones sobre el panhispanismo. Paris: Libreria Paul Ollendorff, 1910.

ORTIZ, Fernando. *Los negros brujos* (apuntes para un estudio de etnología criminal). Madrid: Librería de Fernando Fe, 1906.

ORTIZ, Fernando. Ni racismos ni xenofobias. *Revista Bimestre Cubana*. Vol. XXIV, nº 1, La Habana, p. 6-19, ene-feb1929

ORTIZ, Fernando. Nicaragua intervenida. In *Entre cubanos*, psicología tropical. Paris: Paul Ollendorff, 1913.

ORTIZ, Fernando. *Principi i Prostes*: folleto de artículos de costumbres en dialecto menorquín. Ciudadela de Menorca: Imprenta Fábregas, 1895.

ROJAS, Rafael. Contra el homo cubensis: transculturación y nacionalismo en la obra de Fernando Ortiz. *Cuban Studies*, v. 35, p. 1- 23, 2004. Consultar: [https://books.google.com.br/books?id=VmJMN87WPv4C&pg=PA12&lpg=PA12&dq=fernando+ortiz+conferencia+de+washington+1926&source=bl&ots=b0nIMbNe8z&sig=AFWQY6X7GYRls-jtbDG5HHypELc&hl=es&sa=X&ei=ePrSU\\_34MdfNsQSxk4GACg#v=onepage&q=fernando%20ortiz%20conferencia%20de%20washington%201926&f=false](https://books.google.com.br/books?id=VmJMN87WPv4C&pg=PA12&lpg=PA12&dq=fernando+ortiz+conferencia+de+washington+1926&source=bl&ots=b0nIMbNe8z&sig=AFWQY6X7GYRls-jtbDG5HHypELc&hl=es&sa=X&ei=ePrSU_34MdfNsQSxk4GACg#v=onepage&q=fernando%20ortiz%20conferencia%20de%20washington%201926&f=false). Acesso: 10/05/2016.

